

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMENARIO CATHÓLICO

Director e proprietario — Antonio Luis da Silva Dantas

Editor—João P. d'Oliveira Bastos

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão

Simptomas de fraqueza

O partido republicano, apesar de todos os dias estar a alardear grande força e grandes incrementos, pratica actos que sam uma clara confissão de fraqueza.

Deu-se, como se sabe já em todo o país, um assalto em Lisboa às redacções de tres jornaes monárchicos ou independentes por gente do partido republicano, sem que as auctoridades empregassem os mais leves esforços para o impedir.

Qual a causa determinante dessa façanha tam indecorosa? A attitude de opposição, posto que moderada e prudente, dos referidos jornaes ao govêrno. Os republicanos não querem nem consentem que, ao menos em Lisboa, se combata o govêrno, ainda que com decência e brandura.

Ora isto que significa? Ou uma feroz intolerância, ou uma fraqueza extrema, ou uma e outra coisa juntamente.

Que mal pode fazer ao govêrno a critica de tres jornaes, por mais vehemente e contún-dente, por mais viva e cortante que seja? O maior número dos diários de Lisboa, e dos mais lidos, estão ao lado do govêrno; apoiam-no e defendem-no com todo o calor. Ora, ainda que um ou outro jornal tente desacreditá-lo e torná-lo impopular, nada pode conseguir, porque todos os collegas governamentais abafaram logo a sua voz e desfarão o seu possível mau effeito. Isto é mais evidente que a luz meridiana.

Que pode fazer o *Correio da Manhã* ou *Liberal* em competência com o *Século* ou com o *Mundo*, sendo estes últimos os diários de maior tiragem em todo o país?

Os tres jornaes monárchicos calumniam, deprimem, escarnecem o govêrno e tentam indispor o povo contra elle? Lá estão parece-me que uma dezena doutros jornaes incomparavelmente mais lidos e mais estimados do povo para neutralizar e até aniquilar os effeitos detractivos e infamatórios dos primeiros.

E o que se dá em Lisboa, capital da nação, dá-se, guardadas as devidas proporções, no Porto, que é a segunda capital. Nesta cidade ha apenas um diário de opposição ao govêrno, quando os que o apoiam sam pelo menos quatro.

Por que será, pois, que o partido republicano tanto se inquieta com os jornaes opposicionistas, não obstante serem tam reduzidos em número e em leitores?

Essas inquietações que se transformam em fúrias destruidoras, não se comprehendem, senão como um indício de fraqueza. Parece uma contradicção ter tantos apoios e defensores e temer-se das criticas, aliás moderadas, dum pequeno número de jornaes; mas, como os republicanos vivem de contradicções, estão no seu papel.

Ainda ha, porém, outra circunstância não menos momentosa, que mais inexplicavel torna a attitude dos republicanos em face dos jornaes monárchicos: é que estes representam a mentira, as trevas, a reacção, o retrocesso, a escravidão, e portanto estão numa bem sensível posição de inferioridade em frente dos jornaes republicanos, que sam os arautos da liberdade, da luz, da justiça, da moralidade.

Em consideração do número e dos princípios, a victória pertence forçosamente aos republicanos. Para que é, pois, que elles se assustam?

Ainda poderão allegar que o povo na sua grande ignorância mais facilmente se deixa levar pelas illusões dos monárchicos do que pelas verdades dos republicanos.

Não tem cabida esta allegação. Os republicanos já ha muitos annos que fazem a sua propaganda; já têm illuminado muita intelligência, extirpado muito prejuizo e purificado muitas consciências. Desde muitos annos que o *Século* e *Mundo*, que sam os mais brilhantes pharoes da imprensa portugueza, sam os jornaes mais lidos e procurados em todo o Portugal.

De modo que não posso atinar com o que assusta os republicanos e os leva a praticar selvajarias que até na Hottentócia seriam condemnaveis.

E' fraqueza, é ferocidade, é toleima? Não sei, mas os factos incontestaveis de medo, de violência, de brutalidade, precisam dum causa producente. O que se vê claramente, é que essa causa não é honrosa para os republicanos.

P. A.

«Os homens estão sempre contra a razão, quando a razão está contra elles.»

Helvécio.

O JORNALISMO CATHÓLICO

XI

ALEXANDRE—Comtudo é sabido que muitos santos, para ganharem para Deus os pobres peccadores, usavam ordinariamente com elles dum grande indulgência, occultavam as suas

blasphêmias, ainda as mais horriveis, e chegavam até a louvá-los pelo que elles tinham de recommendavel. S. Paulo diz que a caridade é paciente e benigna.

D. EUSÉBIO.—Esses santos eram verdadeiramente admiraveis, e nós devemos imitá-los: mas, por quem és, não confundamos as coisas umas com as outras. Um é o procedimento que podemos ter, quando tratamos particularmente na intimidade com um pobre peccador, de quem talvez somos amigos; outro é o procedimento que se deve adoptar, quando se não trata só deste ou d'aquelle peccador, mas se falla delles em presença do público. Nas conversações particulares, podemos dissimular, ter compaixão, calarmo-nos: mas isto não pode fazer-se em público. Se os periódicos fallassem em particular, poderia algumas vezes a natureza especial dos caracteres e das circunstâncias aconselhar uma indulgência absoluta: mas, como elles fallam da sociedade, onde os caracteres sam diversos, e combatem o erro mais ainda para salvar os fracos do que para converter os dogmatizantes, fariam mal em não empregar o vigor com receio de desagradar aos segundos, quando podem esperar que elle será útil aos primeiros. E' bem verdade que a caridade *patiens est, benigna est*: mas a mesma caridade exige algumas vezes que se use de rigor, como usa um pae, quando tem dever de castigar um filho. *Qui percit virgae, odit filium suum.*

ALEXANDRE.—Diga-se o que se disser, fica sempre sendo verdade que essas palavras arden-tes, essas phrases desdenhosas, essas expressões acerbas sam indício dum espirito irritado. Ora a ira é uma paixão, e, como tal, não pode ser boa nem para a pessoa que censura, cuja intelligência é por ella offuscada, nem para aquelle que é censurado, porque o azeda e irrita.

D. EUSÉBIO.—Fallas como estoico, meu caro engenheiro. Essas phrases, essas palavras a que alludes, sam indício dum espirito irritado? Seja assim: mas julgas que um homem não pode estar justamente irritado? Concedo-te que a ira é uma paixão: mas nem toda a ira é illicita, porque nem toda a ira é paixão desordenada. Ha até uma ira santa que todos devem conceber. As paixões, se forem bem reguladas, sam matéria de virtude, que não de vicio. Todos sabem que devemos santificar as nossas paixões, governando-as, e não destruí-las por uma apathia estoica. A Sagrada Escrip-tura no-lo ensina expressamente: *Irascimini, et nolite peccare.* Mal

iria à sociedade humana, se a ninguem fosse jámais permittido irar-se! Em certos casos, o facto de se não sentir nenhuma irritação seria indício certo de perversão. Que dirias tu dum filho que, vendo seus paes insultados, se não perturbasse nada? Portanto é falso que a ira offusque sempre a intelligencia e só sirva para azedar. Quando ella é moderada, augmenta a força das ordens emanadas da razão e dispõe os espiritos para a obediência.

ALEXANDRE.—Reconheço bem fundado o que dizeis. Mas aquellas phrases inflamadas, aquellas invectivas, aquellas metáphoras... não me agradam nem me persuadem. Os tempos mudaram. Se taes modos de fallar puderam ser outrora efficazes, hoje não o sam. A' rudeza antiga substituiu-se hoje uma certa cultura, que dá às palavras uma força bem differente da que tinham noutros tempos. A delicadeza da educação contemporânea já se não casa com aquelle modo de expressão: queremos razões e não barulho, apóstrophes, philippicas, etc.

D. EUSÉBIO.—Que essas maneiras tam vivas, que essas phrases, que essas metáphoras te não agradem e não convenham ao feitio do teu espirito, é uma coisa; mas que já não sejam uteis ao commum do povo e mereçam, por conseguinte, ser censuradas e evitadas, é outra coisa bem differente. Tu és dum natureza muita fria, muito calma, muito compassada, de nenhum modo levada nem aos entusiasmos, nem aos sentimentos violentos, nem às imagens vivas. E's um mathematico, um mechânico, que mede tudo friamente ao compasso de raciocínios evidentes: mas andas mal em julgar de todos os outros segundo as tuas disposições subjectivas e pessoas. Os caracteres sam extremamente variados: ha caracteres doces, que a benevolência concilia; ha caracteres preguiçosos a quem só a vehemência pode sacudir; ha caracteres orgulhosos, a quem a divisão abate; ha caracteres vaidosos, a quem o esqüecimento apazigua. Teu irmão, o advogado Mário, não tem o mesmo caracter que tu. Não desdenha, antes gosta das metáphoras e da vivacidade da linguagem. Não é isto verdade, meu querido Mário?

MÁRIO.—E' perfeitamente verdade: temos caracteres muito differentes um do outro.

D. EUSÉBIO.—Portanto obrigar os apologistas e os escriptores a empregarem todos e sempre o só meio da benevolência ou a arma do pacífico syllogismo equivaleria a condemnar toda uma cidade a alimentar-se so-

mente de doces. Deve tambem reconhecer-se que a maior parte do vulgo precisa de movimento, de pathético. Esta parte da sociedade não é capaz de prestar attenção a longos raciocínios, nem de lhes comprehendir toda a força, nem, ainda que a comprehendam, pode seguir a sua impulsão por uma tranquilla deliberação da sua vontade. Precisa de ser sacudida pela vivacidade da linguagem: *Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi.* E' esta uma lei capital, reconhecida por todos os mestres da eloquência. Daqui resulta que, se os erros sam confundidos friamente, serão tidos por males de pouca importância; e não sem razão. O homem falla como sente: os sentimentos vehementes não se dissimulam; as blasphêmias não se podem ouvir sem repulsão. Querer portanto que de taes coisas se falle friamente ao povo é o meio seguro de fazer que elle seja invencivelmente seduzido pelo erro. E' verdade que os tempos mudaram, mas não de tal maneira que a natureza do homem tenha igualmente mudado. Sabem-nos bem os inimigos da nossa religião, que, querendo combater a valer, se não contentam com apresentar sophismas sem vestido, senão que os revestem de formas seductoras e dum estylo brilhante, até muitas vezes empollado, multiplicando as metáphoras e as figuras de rhetórica, na esperança de assim, deslumbrar os homens e conquistar os corações. Não é pois de admirar que os santos e os soberanos Pontífices nunca tenham renunciado a empregar, quando é necessário, as mais fortes expressões para fulminar a impiedade: e assim farão enquanto os homens forem homens, e não puros espiritos (1).

Continua.

(1) «Objecta-se—bem sei—que a contradicção pode dar importância ao adversário e conciliar-lhe o favor, ao passo que um desdem e silêncio opportuno podem mais facilmente fazê-lo morrer na obscuridade e no esqüecimento dos homens. Mas a isto eu respondo, em primeiro logar, que a Igreja, sem de nenhum modo commetter o erro de engrandecer na opinião pública qualquer dos seus adversários, costuma não desprezar nenhum homem, dado que, se, oppondo-se a elle, o põe em evidência, não tem que responder por isso. Cumpre accrescentar a isto que o systema do silêncio é, geralmente fallando, um systema tam cómodo, que se torna suspeito. Acho aliás, e com gosto, que tal systema não tem a seu favor, no passado, nem a auctoridade, nem o exemplo, nem o bom éxito. E, como ha muito quem insista neste ponto para advogar o que chamei o systema do silêncio, por causa da grande difficuldade que se encontra em po-

der observar a caridade nas discussões e controvérsias religiosas, respondo que, ainda neste ponto, os grandes doutores, nossos mestres, nos dam excellentes exemplos e perfectos modelos para imitarmos. Em muitos logares, que é inutil mencionar e só podem ser ignorados por aquelles que nada sabem, recommendam elles a medida, a moderação, até a indulgência para com os inimigos de *Deus* e da verdade: o que os não impede de empregarem, quasi a todos os momentos, contra os seus adversários, ou—para dizermos melhor—contra os adversários da fé, a arma do desprezo, da indignação, do ridiculo e algumas vezes com tal vivacidade e tal liberdade de linguagem, que é grande motivo de admiração para a nossa delicadeza moderna. A caridade envolve e exige, antes de mais nada, o amor de *Deus* e da verdade. Por isso é que ella não tem medo nem hesitação em se servir, quando é necessário, da espada, no interesse da causa divina, porque bem sabe que ha adversários cuja adhesão se não pode conquistar senão a golpes ouzados e fortes, por meio de incisões e cortes dolorosos.» (CARD. PIE, 3.^a *instruc. sinod.*, promulgada em julho de 1862).

«Levado nas asas da fortuna, de balde procurarás subir: a felicidade está sempre collocada mais acima.»
Massillon.

Arquivo edificante

Ha pouco tempo, quando Aphonso XIII voltava de Melilla, foi-lhe entregue na cidade de Almeria uma mensagem, que a imprensa diz ter causado profunda impressão nas gentes do governo e da qual queremos archivar os seguintes períodos:

«Não podemos offerecer a Vossa Majestade a homenagem que desejávamos; pois, tendo os catholicos o fundado receio de que os vossos ministros os arrastem algum dia a extremos muito para lamentar, estaremos em tal caso dispostos a desobedecer-vos, ainda à custa dos maiores sacrificios, porque preferimos obedecer ao nosso *Deus* a obedecer ao nosso rei.

«Nós, os catholicos, sentimos todos feridos no mais caro das nossas convicções e affectos ao ver-vos acompanhado por um presidente de ministros que teve e tem, a julgar pelos seus actos e palavras, cadeados para prender a Igreja catholica, libérrima pela sua própria natureza, ao mesmo tempo que se preconizam e praticam liberdades que sam contrárias à vossa pátria, à vossa majestade e a todos os que somos vossos súbditos, vilipendiando-se com immerecido desprezo as páginas mais gloriosas da nossa incomparavel história e o espirito cavalheiresamente christão da nossa raça.

«Majestade, não esqueçais nunca que recebestes de *Deus* muitos e muito singulares favores, e não deis motivo a que elle deixe de vos amparar com a sua omnipotente mão. Seria isso a vossa e nossa desgraça.

«O governo quer arrastar os vossos súbditos para o laicismo anticatholico e atheu. E, por mais querido que isto vos torne dos homens, recordai-vos sempre de que deante de *Deus* não ha diferenças de pessoas nem de classes, e de que o Juiz supremo ha de julgar os reis e os súbditos segundo as obras de cada um.

«Quanto nos doi dizer estas verdades, tanto nos alegraria ver Vossa Majestade auxiliado no governo da nossa querida Hispanha por homens que temessem mais a *Deus* e amassem menos as tris-

tes e passageiras gloriolas deste mundo.»

Consola ver a nobre franqueza com que se dizem tam necessárias verdades. Os soberanos não precisam menos da verdade do que os súbditos; e, se muitas vezes só respiram erros e lisonjas, que os estonteiam e fazem seguir maus caminhos, a culpa não é só delles: é de todos aquelles que lhes negam a mais estimavel das homenagens, o mais util e precioso dos tributos: a homenagem e o tributo da verdade. Devemos a verdade a todos, mas aos soberanos mais do que a ninguém, porque mais do que ninguém della precisam.

«Desprezar o dinheiro é des-thronar um usurpador.»

Chamfort.

Anecdota histórica

CCXXXIV

Virtude premiada. — Em 1859, Fernando II, rei de Nápoles, voltava de Roma para a sua capital com seu filho, que depois foi Francisco II. Tendo-se dado um desarranjo na carruagem, teve de parar e entrar numa hospedaria onde não era conhecido. Era uma sexta feira. Encontrou ali vários hóspedes, que comiam de carne e se riam dum moço dos seus dezoito annos, que comia de magro. O moço não se deixava intimidar, e respondia altivamente que o homem deve ter sempre a coragem de praticar a sua religião. O rei pôs-se do lado delle e reduziu promptamente os zombadores ao silêncio. Entretanto vieram dizer-lhe que a carruagem estava prompta. Fernando II, tomando o moço à parte, perguntou-lhe quem era e para onde se dirigia. «Eu sou florentino; disse elle «mas, não sendo a religião sufficientemente respeitada no exército, na Toscana, vou pôr-me ao serviço do rei de Nápoles.» Fernando então escreveu um bilhete, que fechou e entregou ao moço, recommendando-lhe que, ao chegar a Nápoles, o apresentasse à auctoridade militar. Em Nápoles, o moço apresentou com effeito o sobrescripto real, cujo conteúdo ignorava, e deram-lhe logo o posto de tenente. Nem todos os prémios da virtude ficam para a outra vida.

CCXXXV

Conceitos de Napoleão. — Napoleão, que mandara prender o Papa Pio VII, reconhecia comtudo que este homem era mais poderoso do que elle. «Eu» dizia elle em Fontanes «acho em meu século um homem mais poderoso do que eu, porque elle reina sobre os espiritos e eu só reino sobre a matéria.»

Outra vez, disse o imperador com amargura: «Os padres guardam a alma, e lançam-me o cadaver.»

Uma occasião em que elle atravessava a Itália como vencedor, avistou um religioso. Repara attentamente, e encaminha-se para elle. Sauda-o com ar affavel, e lembra-lhe que foi elle quem o preparou para a primeira communhão. «Sendo este acto» acrescenta elle «o mais bello e o mais solemne da minha vida, folgo de tornar a ver aquelle que me preparou para elle.» Em seguida, tomando a mão do bom religioso, abraçou-o, e em testemunho da sua felicidade e reconhecimento fixou-lhe uma pensão para toda a vida.

«A opinião afasta-se de todo o poder que a atormenta.»

De Rouilly.

Curiosidades

A idade da plenitude da força. — Um sábio, que deve ter a alma dum consolador, estabelece, segundo as estatísticas, a idade em que o homem se encontra na plenitude das suas forças: a média é entre os 40 e 60 annos.

Cêrca dos 40 é que os chimicos e os physicos têm feito o seu mais notavel invento. Aos 44 é que o poeta produz o seu melhor poema. Aos 46 é que o romansista compôo o seu melhor romanse. Os guerreiros e os exploradores fazem fallar de si aos 47; os compositores e actores, aos 48; os moralistas, aos 51; os médicos e os politicos aos 52; os mathematicos e os espirituosos, aos 56; os historiadores, aos 57; os naturalistas e os juristas, aos 58. Vamos lá! Ainda ha esperanças para os quadragenários obscuros e desconhecidos...

Falta duma leitura. — Carlos Philippe, alcunhado o assassino das pâdeiras, que vai comparecer perante o tribunal de Allier, em França, passa o tempo, na sua célula, em fazer versos e em ler o *Génio do Christianismo*, de Chateaubriand. Ha dias declarou a um de seus guardas: «Não me encontraria nas condições em que me encontro, se tivesse lido mais cedo esta bella obra.»

Deve reflectir-se em mais esta confissão. Mas os homens que governam a França obstimam-se em fechar os olhos à luz da evidência: não querem ver que o meio mais efficaz de diminuir a criminalidade é a propagação das ideias christãs. Em Portugal segue-se, infelizmente, o mesmo caminho.

O systema solar em francos. — Um calculador, apaixonado da vulgarização scientifica, acaba de traduzir, por um modo que ha de agradar aos homens de negócio, as relações de grandeza que ha entre os membros da familia do sol. Serve-lhe de estalão a peça de 20 francos, que é o valor que elle attribue à Terra. Eiz os algarismos comparativos:

Terra	20 fr.
Venus	15 »
Marte	2 »
Mercúrio	1 » 20
Lua	0 » 25
Urano	280 »
Neptuno	320 »
Saturno	1 840 »
Júpiter	6 200 »
Sol	6 000 780 »

Aqui estão umas noções de astronomia ao alcance de toda a gente.

Neve preta. — Não ha termos mais contradictórios, pois a neve é o mais acabado modelo de brancura que se conhece. Mas, para o futuro, quando a quisermos tomar como termo de comparação de coisas brancas, havemos de dizer: «Isto é tam branco, como neve branca.» Por quê? Porque nem toda a neve é branca...

Ha uns quinze dias caiu em Neuville, na Suíça, uma nevada. Até aqui, nada de anormal, porque as nevadas na Suíça caem a cada momento. Mas a neve era negra! As folhecas, ao caírem, cobriam a terra duma camada semelhante a carvão!

Os meteorologistas parece-nos que, até agora, ainda não ousaram proferir nenhum oráculo; o mais que têm feito é insinuar que se tratará dum caso em que as poeiras vulcánicas terám pervertido a famosa brancura da neve.

Que tempos os nossos! Até a neve deixa de ser branca!

Contra a bebedeira. — Em Copenhague a policia é muito benévola com os bêbados; não pôrém com os vendedores das bebidas. Um agente da policia encontra numa rua um homem a cambalear: manda vir um carro, faz subir o borracho, e remette-o

para o commissariado mais próximo. Aqui, um médico examina o sujeito; em seguida fá-lo subir outra vez para o carro, e envia-o para sua casa. No dia seguinte a conta do médico e a do carro sam mandadas ao cidadão que vendeu ao bêbedo o último copo de vinho com que elle consummou o seu desatino. Assim o vendedor vê-se obrigado, por interesse, a privar-se do interesse que lhe podia dar o vício alheio.

—E, se o combate legal da embriaguez tem alguma efficácia pratica, di-lo o seguinte facto.

O Estado de North-Dakota, nos Estados Unidos, prohibiu o álcool. Pois, nove mezes após a prohibição, os delictos de embriaguez tinham deminuído 80 por 100; as rixas, 35 por 100; outros delictos diversos, 50 por 100.

Não seria util empregar o mesmo expediente entre nós?

«A injustiça é sempre a ruína infallivel dos impérios.»

Solon.

Noticiario

Uma academia. — Realizaram na os jovens academicos internados no Seminario desta cidade, no dia 2 do corrente, em honra da Virgem Immaculada. E por tal forma se houveram, que bem merecem uma referencia elogiosa nas columnas d'*A Restauração*.

Bõa orientação nos discursos, selecção primorosa das poesias, correcção na forma, propriedade no dizer, rasgos eloquentes de apaixonado patriotismo, profissão franca e sincera de fé; de tudo deram bõas mostras os jovens academicos.

Impressionou-nos, sobre tudo, a comprehensão nitida das necessidades do momento, que os jovens conferentes revelaram nos seus discursos, em que a religião e o patriotismo, postos como as duas forças impulsoras do nosso passado epico e grandioso e demonstrados com a enumeração dos mais bellos monumentos da nossa historia e com a citação dos heroicos feitos dos nossos antepassados, foram apontados como o remedio efficaz para as desgraças do presente.

Bem hajam os jovens academicos pelo gozo espirital que nos proporcionaram, e oxalá que estas festas, tam cheias de encantos pelo enthusiasmo e pela sinceridade que a mocidade sabe imprimir-lhes, se repitam ainda muitas vezes, pois que sam um excellent meio educativo e desenvolvem, apurando-o, o gosto litterario.

Na parte musical, toda da casa, salientaram-se dous petizitos, José e Luís Cyrne, que revelaram uma insipiente mas pronunciada aptidão para o violino e, por isso, mereceram vivos applausos da assembleia.

Eiz o programma executado:

I—Discurso inaugural da Academia, A. Pereira Lima. II—A Fé (poesia), Assis Teixeira. III—Lusiadas (discurso), José H. Cyrne. IV—Gratia Plena (poesia), Germano Vieira. V—Canto de resignação (poesia), Guilherme Baptista Sousa. VI—Descobrimientos dos Portuguezes (discurso), Cesar Valerio. VII—Alma... d'oiro (poesia), Antonio José de Carvalho. VIII—Considerações sobre a vida do estudante, J. Carneiro Borges. IX—Angelus Domini (poesia), Onair V. de Carvalho. X—Discurso, Alberto Barreiros. XI—Duas flores (poesia), Sergio Serra. XII—A Patria (discurso), J. Ferreira da Silva. XIII—Virgem (poesia), J. Barbosa de Araujo. XIV—Recordação (poesia), João Silva Gomes. XV—Portugal e a Virgem (discurso), Sergio Serra.

Expediente. — Em consequencia de nos ser impossivel attender os pedidos de exemplares do ultimo n.º de *A Restauração*, que nos tem sido feitos, resolvemos reproduzir no presente o artigo que deu causa a esses pedidos.

Aos que já o leram e archivaram pedimos desculpa da repetição

Grupo de Propaganda «Por Guimarães». — Da direcção d'este Grupo recebemos um exemplar do seu hymno, composto por Annibal Vasco Leão, para piano.

Agradecemos reconhecidos a gentileza da offerta.

Seminario Lyceu. — Recebemos e agradecemos penhorados o Anuario do Seminario-Lycu de esta cidade, referente ao anno lectivo de 1909-1910.

Está redigido com muita clareza e por elle se mostra a grande frequencia e bom aproveitamento dos alumnos d'aquelle estabelecimento de ensino, incontestavelmente um dos primeiros do paiz.

Contribuições. — Pela Comissão Administrativa da Camara foi dirigida ao Governo a seguinte representação:

«A Comissão Administrativa da Camara Municipal da Cidade e Concelho de Guimarães, districto administrativo de Braga, a bem e interesse dos povos seus administrados, vem mui respeitosa e impetrar a V. Ex.^a que pelo Ministerio das Finanças seja prorogado pelo espaço dum mez o pagamento voluntario das contribuições directas do Estado.

O motivo que esta municipalidade adduz para justificar este seu pedido, é que, devido á continuada invernia que por dilatado espaço de tempo se fez sentir n'esta região, o contribuinte viu prejudicada a sua colheita tornando-se-lhe impossivel trazer ao mercados os generos cujo producto invariavelmente destina ao pagamento das suas contribuições. Demais, a area extensissima deste concelho, com freguezias longinquoas da sua séde, não permite que na recebedoria concelhia seja feita a cobrança dentro dos prazos que a lei determina pela enormidade do serviço que se accumula e queo respectivo recebedor se vê na impossibilidade de attender.

Nestes termos

Pede a V. Ex.^a se digne attender a presente representação.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 25—1—911.

O Presidente,

José Pinto Teixeira d'Abreu.

A caridade publica. — Belmiro Moreira, casado, tuberculoso, não tendo recursos para se sustentar, e a sua familia, implora das almas caridosas uma esmola para minorar o seu soffrimento.

Mora em Villa Pouca.



Francisco Jacintho

Cirurgião-dentista

Tratamento de doenças de bocca, obturações, dentes artificiaes.

Extração de dentes sem dor.

Largo do Toural, 6

UM BRADO DE JUSTIÇA

Ao governo provisório da republica portugueza

E' do diario de Manaus, «Folha do Norte», o seguinte artigo, que, apesar de longo, não resistimos à tentação de transcrever:

Os recentes acontecimentos desenrolados no velho Portugal, acontecimentos que agitam tam profundamente a alma nacional, despertam ao espirito do philosopho, do observador e do critico graves cogitações, prementes soluções, que não podem deixar de interessar a quem não fôr alheio e indifferente ao seu tempo.

O que se está passando entre vós não pode ficar limitado ás balizas territoriaes da Patria, á censura intima das consciencias revoltadas e oppressas, que não encontram outra valvula senão no soffrimento, na humilhação e no opprobrio, mas na critica implacavel, independente e justa dos homens de bem, urge mostrar a insensatez, condemnar os erros postos em pratica pelo novo regimen.

Ao chefe do governo provisório da Republica me prendem laços de delicada cortezia que ainda me fallam ao coração.

A's varias vezes que tenho estado em Lisboa, quando assistia ás eruditas prelecções do snr. dr. Theophilo Braga no Curso Superior de Letras, o consummado professor cumulava-me sempre de extrema gentileza, convidando-me para sentar-me ao lado da sua cathedra magistral.

Esta circumstancia que para outrem poderia talvez servir como excusa na apreciação de vossa obra, para mim é mais um incentivo de dizer a verdade do que penso sobre a revolução que operastes em vossa Patria.

A minha consciencia juridica de brasileiro e de republicano revoltou-se indignada contra a orientação retrograda, estreita e anti-patriótica que destes ao novo regimen.

Não ha ninguem de mediana cultura, que ainda não tenha perdido o senso moral e os affectos delicados d'alma, que conserve ainda intacto o uso da razão esclarecida e equilibrada sem os laivos de feroz sectarismo selvagem, que não se indigne contra o que estaes fazendo, contra os attentados de toda a ordem que auctorizaes se pratiquem em pleno seculo XX, como supremo escarneo á civilização e ao progresso da humanidade.

A reviscencia que fizestes das leis do seculo XVIII dos governos absolutos e tyrannicos, que tanto combateis nos vossos comicios republicanos e na vossa imprensa liberal, é o attestado eloquentissimo da vossa hypocrisia, da mentira dos vossos principios, da falsidade dos vossos ideaes.

Fazer vigorar leis draconianas da monarchia absoluta em pleno seculo XX, quando se acha consagrado o regimen constitucional representativo por todos os grandes publicistas de Direito Publico, como o unico capaz de reger povos livres, é um regresso ao passado ominoso do qual deveis sair para penetrar no estuario luminoso da verdadeira democracia.

Bem sei que para muitos dos que lerem estas linhas o riso alvar do ridiculo espontará do rictus da face contrafeita, mas pouco se me dá da insensatez e da leviana prosapia dos chamados «espiritos fortes»; pois na justa revolta contra o crime tenho apenas em attenção os reclamos vezadas da minha consciencia.

Manchastes a vossa obra com a pratica de ignominaveis attentados contra a liberdade, a honra, a vida e a propriedade de pessoas por si proprias idfensaveis e inermes.

Não respeitastes a delicadeza do sexo, o pudor da virgem; a grandeza immaculada da mulher; tri-

pudiastes numa orgia demoniaca de satyros e de bandidos da peor especie, por sobre o sentimento religioso que, na opinião esclarecida do maior dos brasileiros vivos, o egregio conselheiro dr. Ruy Barbosa, é

«mais universal, menos mortuorio, mais indomavel, mais heroico do individuo e do povo; que para acima do egoismo, do amor e da patria, sentimento que, no coração, se entretuce a todas as emoções generosas, que, no espirito, nos representa o signal da Divindade em nós; que, na consciencia, influe ou julga todas as nossas resoluções com a perspectiva, as esperanças e a justiça de uma eternidade mysteriosa; que na familia preside ás alegrias e ao lucto; que nas resistencias providenciaes da liberdade contra a força, da opinião contra a tyrannia, é o supremo appello, o grito extremo dos opprimidos».

Ao em vez de imitardes as Republicas da Suissa, dos Estados-Unidos da America do Norte e do Brazil, que consagraram o principio basico da liberdade no tocante á crença religiosa, garantindo a plena expansão do mais delicado dos sentimentos humanos, quizestes macaquear o «terror» dos revolucionarios francezes de 1789, que escreveram na Historia essa pagina de sangue e lama que envergonha a especie humana e da qual não deveis fazer bandeira para implantardes o novo regimen politico em vossa Patria.

Quizestes assim retroceder cem annos na evolução das ideias do vosso tempo, que não é mais de oppressão, de tyrannia e morte, mas de viva efflorescencia, de livre locomoção das ideias e de plena affirmação do raciocinio.

Portugal, desde que surgiu na tela da Historia, trouxe o seu baptismo nas aguas lustraes do christianismo, filiação esta tam legitima que nem mesmo os mais encarniçados inimigos da Igreja ousam negá-lo.

O symbolo augusto da Patria, que tremulou «por mares nunca dantes navegados», que presidiu sempre aos triumphos do genio nacional nas descobertas das terras desconhecidas, nas victorias gloriosas contra os infieis e inimigos do nome portuguez, tem insculpido em suas obras as cinco quinas, que representam as cinco sagradas chagas de Jesus Christo.

Nada é mais significativo para uma Nação do que a sua bandeira e esta tem o sello indelevel da crença religiosa, que sempre inspirou os grandes e immortaes feitos dos heroes lusitanos.

Se da bandeira passarmos aos monumentos com que os Povos costumam perpetuar seus factos memoraveis, veremos que os mais notaveis monumentos, de que se póde e deve orgulhar de possuir o velho Portugal, tem o cunho profundamente religioso.

Fallam bem alto dessas origens christãs o Mosteiro de Santa Maria da Victoria construido por D. João I nos campos de batalha de Aljubarrota, o primeiro monumento de estylo original que honra a Patria de Camões e de Sam João de Deus; a Igreja e o Convento do Carmo de Lisboa, construidos pelo grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira e onde passou este santo varão os restos de seus gloriosos dias, dando exemplo sublime das mais heroicas virtudes; o Mosteiro de Alcobaca; o Convento de Christo, de Thomar; o Mosteiro dos Jeronymos, em Belem, e tantos outros.

A pedra nos rendilhados delicados da architectura, na grandeza e elegancia dos estylos, na elevação das columnas e das abobadas, nas rosaceas polychromaticas dos vitraes por onde se escôa a luz morna do Sol, que illumina

as naveas das cathedraes seculares, attesta superiormente que o Povo que possui em sua Historia taes brazões não póde nem deve renegar seu passado; não póde, nem deve corar envergonhado de tam legitima e honrada filiação; não póde nem deve consentir no predomínio da «canalha», para o qual inventou o sabio Mestre Carlos de Laet o significativo neologismo—*Ochlocracia*.

A vossa obra, ao em vez de ser uma obra de paz, de congraçamento e de generosas aspirações para o bem da Patria, é de odio encarniçado, de divisão profunda do espirito nacional e de morte a todos aquelles que não quizerem ler o A. B. C. da tyrannia e das proscricções atrozes que decretastes.

Singular Republica que é a vossa, snrs. do Governo Provisorio.

Num paiz em que a percentagem de analfabetos é superior a setenta por cento, o que quer dizer que apenas pouco mais de vinte por cento sabe ler e escrever, mandaes fechar as primeiras casas de educação de Portugal e decretaes que nellas se installeem prisões modelos!?!?

Substituir os templos da sciencia onde a mocidade instrae-se e educa-se, onde o filho do povo encontra a aprendizagem das artes e do trabalho dignificador, pelas cellulas das penitenciarias onde o criminoso muita vez se corrompe e se degrada ainda mais na pratica de actos que a maldade engendra e a sociedade favorece.

Infeliz democracia que fecha escolas e abre prisões, que expulsa benemeritos educadores e galardoa os mastins arruaceiros da patuleia ignobil, que rouba e mata, que insulta e calumnia no afan inglorio do odio truculento e estúpido.

E' preciso que se proclame bem alto, sem receio dos chamados «espiritos fortes», que a verdadeira democracia não póde dar as costas á liberdade de consciencia e um paiz sem liberdade de consciencia é um paiz moralmente liquidado.

Muito antes que os revolucionarios de 1789 tivessem proclamado os tam fallados «direitos do homem», de que tanto abusam os «meetingueiros» de todos os tempos para embaiarem as massas ignaras, já no coração da America, na legislação catholica do Estado de Maryland se praticava a mais plena liberdade de cultos, cento e cincoenta e sete annos antes do «terror» ter borrado a face da Historia com sangue e lama de sua legislação feroz.

E' preciso que se repita e com desassombro se diga que os catholicos inglezes, perseguidos pelo protestantismo da sua Patria, procurando a America e fundando Maryland (Terra de Maria) foram inspirados, nessa bellissima conquista da liberdade de consciencia, por dois membros da benemerita Companhia de Jesus, por dois filhos de Santo Ignacio de Loyola.

Talvez não lhes agrade, snrs. membros do Governo Provisorio da Republica Portugueza, o vir eu fallar-vos nos homens contra os quaes o *liberalismo moderno, revolucionario e anarchico* levanta a bandeira de combate sem treguas e contra os quaes assentastes tambem a bateria do odio e da infamia.

Mas a experiencia e as lições da Historia fallam mais alto do que as fallazes theorias dos philosophantes de todas as epochas.

A maior das Republicas do nosso tempo nada perdeu, pelo contrario, muito tem lucrado com a mais absoluta liberdade outhorgada ás ordens Religiosas, que sam por toda a parte fautores de progresso moral, intellectual e material dos paizes que têm o bom senso pratico da vida.

A liberdade, os costumes publicos, o espirito de iniciativa dos Estados-Unidos da America do Norte não perigaram por confiarem a educação de seus filhos ao influxo maternal da Igreja Catho-

lica, que tem na Companhia de Jesus os seus mais devotados campeões, seus mais legitimos defensores, seus mais decididos sustentaculos.

No capitolio de Washington ergue-se imponente a estatua do Padre Marquette, membro illustre da Companhia de Jesus, que a Republica Norte Americana não teve medo, nem a covardia de oficialmente inaugurar como preito de gratidão ao Jesuita Apostolo dos Hurons e ao descobridor de Mississippi.

Sinto, a fraqueza da minha pena para fazer a apologia desses homens extraordinarios, que vós tanto odiaes e que, quanto mais ruge o odio em seu furor diabolico, mais augmenta de valor a obra gigantesca do heroico capitão ferido no cerco de Pamplona.

O fidalgo solitario, com ambas as pernas quebradas do ricocheio das balas francezas que si-tiavam a fortaleza da cidade hespanhola, recolhe-se ao famoso solar de Loyola e Onaz que elle devia immortalizar.

Soldadas as pernas pela accção lenta e efficaz da natureza, viu Ignacio de Loyola que a harmonia das linhas no aprumo do andar havia desaparecido, já não havia mais a elegancia donairosa do gentil homem, que tantos galanteios despertava na alta roda em que vivia e, por um esforço proprio de sua vontade enérgica, quiz sujeitar-se a uma operação em que os ossos seriam desarticulados novamente para serem justapostos outra vez e assim corrigirem o desaprumo das pernas.

Esta operação correu sem auxilio de anesthesico algum e diz a chronica do tempo que Ignacio de Loyola a supportou com doce sorriso nos labios.

Por aqui se vê que tal heroe e santo que concebeu e fundou a Companhia de Jesus não podia deixar de inspirar, na generosidade de seus filhos, esses modelos completos de homens de accção enérgica e decidida que, vencendo-se a si mesmos, deixaram na Historia a fama justa das mais preclaras virtudes, dos mais acrysolados devotamentos á causa da civilização e da humanidade, da mais profunda sciencia desses mestres consummados dos quaes o impio Voltaire fez o elogio e que:

«conseguiram ensinar aos selvagens da America as artes rudimentares e conseguiram tambem ensinar as artes mais elevadas a um povo tam agudo e requintado como os chins». — (*Essai sur les Mærs*. Capitulo CXCIV).

Ha um brasileiro illustre por tantos titulos e que mereceu em vida do vosso Eça de Queiroz um estudo magnifico sobre a sua sympathica personalidade e não menos calorosos encomios despertou á viuva de Gonçalves Crespo, a talentosa escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que escreveu paginas soberbas de eloquencia, de escrupulosa verdade historica, de irrefragavel justiça em que reduz a suas devidas proporções todo o libello accusatorio levantado contra a benemerita Companhia de Jesus.

Eduardo Prado vindica, em seu masculino estylo inconfundivel, a grande causa dos grandes perseguidores que, «desde Montesquieu até Augusto Comte, tem recebido a admiração de todos os ignorantes» e que, dado o valor da sua auctoridade, não me posso furtar á honra de illustrar esta carta-protesto com sua irrefragavel opinião.

«No seculo XVIII, Pombal, que tinha a singular mania de regular a sua politica pelo que delle dissessem os estrangeiros, inundou a Europa de livros, folhetos, em todas as linguas, contra os jesuitas e especialmente contra os do Paraguay.

Das estantes dessa magestosa livraria, em grande parte formada em fins do seculo XVIII, contemplam-nos muitas dessas obras hoje votadas ao repouso do esquecimento, e deve ser uma contra-

riedade para os espiritos daquelles escriptores officiaes, defuntos collaboradores da defunta tyrannia, o terem de assis tir, presntes nas paginas dos seus livros, ea esta solemnidade em que sam honradas as suas victimas de outrora.

Preparava Pombal o golpe insensato da expulsão dos jesuitas dos dominios portuguezes, acto que foi para o imperio ultramarino portuguez outro Alcaccer-Kibir, como o do seculo XVI para o reino lusitano.

Com a expulsão dos jesuitas, no seculo XVIII, a civilização recuou centenas de leguas dos centros do continente africano e do Brazil.

As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruinas; os indios volveram á vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram-se e, até hoje, reinam a solidão e o deserto, onde havia já a sociabilidade humana.

Em nossos dias, a bandeira da Inglaterra, da Allemanha, da Belgica ou da França tremulam em Africa sobre as ruinas de edificações religiosas, num solo que seria portuguez, se não tivessem sido largadas ao abandono e votadas ao esquecimento aquellas terras onde, pelos missionarios, dominava Portugal.

A Historia é, porém, justiceira. As imperfeições que mostrou, as faltas que commetteu por vezes a Companhia, desapparecem deante da grandeza dos seus serviços.

Hoje ninguem, com mediana instrucção historica e bibliographica, falla mais na *Monita Secreta*, obra da calumnia e perversa falsificação conhecida e desvendada. — (*Dr. Eduardo Prado. O Catholicismo. A Companhia de Jesus e a colonisação do Brazil* no livro 3.º *Centenario de José de Anchieta*. Pags. 54 e 55. — *Aillaud & C.ª, Paris, 1900.*

Um outro brasileiro que logrou em vida as maiores honras que conceder-se podem a um homem publico, que foi recebido pelo parlamento inglez e pelo de vossa patria, que o saudou pela palavra do vosso grande orador Padre Antonio Candido e que na morte os Estados Unidos do Norte tambem lhe prestaram as maiores honras á sua memoria; inclusivé fizeram transportar o seu cadaver num vaso de guerra americano, transformado em camara ardente e acompanhado, até o Rio de Janeiro, de um ministro de Christo, não foi menos claro e preciso na defeza apologetica que fez da obra de Santo Ignacio de Loyola.

E' preciso que se quebre uma por uma a dentuça da maldade de uns, da ignorancia de outros que, para seus fins sectarios, callam de proposito os reaes serviços que a celebre Companhia prestou á humanidade e á civilização.

Palavras de outo como as do saudosissimo Joaquim Nabuco, ha pouco fallecido em Washington, no alto posto de embaixador do Brazil, devem ser rememoradas e repetidas como um grande consolo aos que tem ainda o bello culto da verdade, aos que não esmorecem, nem se arreceiam dos motejos dos chamados *espiritos fortes* e da gargalhada alvar dos ignorantes, quando se deve affirmar uma convicção, defender uma ideia generosa e boa.

Ouçamos a palavra incomparavel do glorioso embaixador brasileiro, em Washington:

«Não tenhamos receio de estar do lado do regresso ficando ao lado de Loyola, na Historia; foi essa a direcção que levou o mundo; teria sido o eclipse da humanidade a morte do catholicismo em plena vida, quando ainda, para não fallar de tantas outras creações, elle tinha que tirar da sua imaginação toda a poesia da caridade, que S. Vicente de Paulo espalhou pelo mundo.

E' impossivel não se reconhecer a grandeza da construção jesuitica.

Não quero oppô-la a ordens muito mais antigas e que vivem ainda hoje de um sopro immortal, que as purifica e renova de epocha em epocha.

Em Subiaco como em Assisi, em Tolosa como em Grenoble, nas galés de Marselha, como na gruta de Manresa, o impulso é o mesmo para S. Bento, S. Francisco, S. Domingos, S. Bruno, S. Vicente de Paulo, Santo Ignacio de Loyola.

Os Exercícios Espirituaes têm a mesma inspiração que a *Imitação* e a *Introdução á vida devota*.

O facto é que ella tem traços singulares para uma criação humana.

Já se disse que ella não teve infancia e Paulo III via nos seus Estatutos o dedo de Deus.

Quereis, porém, um traço que ainda mais vos fere?

E' o da sua resurreição quarenta annos depois de abolida tal qual era nos dias de Ignacio e de Acquaviva.

Conheceis em instituição humana uma alma assim immortal?

Quereis outra?

Quando ella cae, cae com ella a antiga sociedade.

Cheiseul os expulsa, mas a França perde logo as suas grandes colonias da America: o Canadá e a Luisiana.

Elles sam retirados de *Louis-le-Grand*, mas a *primeira geração que se forma sem elles no collegio sam os Robespierre, Camille Desmoulins, Joseph Chenier, Tallien* (Cretineau-Joly IV, 235).

A França os tegeita, mas a Prussia os recolhe, «quantos possa», dizia Frederico II, e no futuro a influencia desse pequeno contingente como o dos calvinistas banidos por Luiz XIV, faz-se sentir na formação da mocidade prussiana.

Ha nada mais extraordinario na Historia que essa legião de jesuitas que atraz de S. Francisco Xavier parte para conquistar o velho Oriente asiatico e africano que vam ao Japão, á China, á côrte de Akbar, á Abyssinia; que sam feitos mandarin os Pekin, que vivem nas galés em Constantinopla, como escravos nas feitorias do Congo?

Ha quadro mais impressivo que o desses jesuitas, uns vestidos com toda a pompa de bramenes, outros na humilde posição de parias, encontrando-se sem que estes ousem levantar os olhos para aquelles?

Não tenhamos medo de voltar as cartas á liberdade moderna e á sciencia livre, honrando a Companhia de Jesus.

Não acrediteis que perigasse a liberdade intellectual nos collegios de que saíram Bossuet, La Rocheloucauld, Montesquieu, Descartes, Vico, Diderot, Rousseau e Voltaire.

Acrediteas que os calculos de um padre Secchi possam ser alterados por nenhum preconceito theologico?

Acrediteas que qualquer texto da Biblia vede o passo dos jesuitas decifradores de papyrus egypcios ou de tijolos da Assyria?

Suppondes que a sciencia catholica não recolheria em suas jazidas os fosseis humanos com a mesma probidade que os naturalistas do Museu de South Rensington?

Haverá alguma censura em Roma em todo o dominio do telescopio e do microscopio combinados, alguma opposição a quaesquer raios Roentgen do futuro?

Qual teria sido a sorte da conquista em relação ás raças, pode-se deduzir desse odio de morte de mamelucos contra jesuitas, que culmina no incendio e arrazamento das soberbas Reducções do Guayra, esboço de um grande imperio guarany, na morte e partilha dos seus habitantes, despejo que alguns calculam em oitenta mil (80:000) captivos.

Vêde o Padre Montoya dirigindo a imigração dos chamados selvagens do Novo Mundo, deixando suas casas, suas igrejas, suas plan-

tações arrazadas, para escapar á crueldade dos bastardos de europeus, vindos para civilisar a America.

Sem os jesuitas a nossa Historia colonial não seria outra coisa senão uma aldeia de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reducções; o paiz seria cortado de estradas, como as que iam ao coração da Africa aos mercados da Costa, por onde só passariam as longas filas de escravos.

Esse é que seria o destino da America do Sul, enquanto á margem dos seus rios restasse alguma raça por escravizar ou por exterminar de todo.

A ideia do colono era reduzir o indio ao captiveiro e, não podendo ser, exterminá-lo; a ideia do jesuita era reduzi-lo á liberdade christã e preservar em cada um dos seus individuos, todas as raças autochtones.

Dahi esse odio, esse rancor contra elles, que fazia Nobrega dizer: «*Eu se houver de ser martyr, ha de ser á mão de nossos Portuguezes Christãos e não dos BRAZIS.*»

E essa lotta do jesuita no Brazil pela liberdade e pela vida dos indigenas não é senão um episodio da sua campanha na America.

Do Canadá á Patagonia elles levantam a mesma bandeira e vertem o seu sangue pela mesma causa.

E' por esse principio que o Brazil adquire a sua individualidade nacional; é por esse principio que elle traz gravadas, como a America toda, no frontespicio da sua historia as duas letras magneticas — S. J. (*Sociedade de Jesus*).

Sam grandes iniciaes aquellas, ficæ certos.

Esses homens todos, para tomar a expressão de um adversario da Companhia, sam «*colossos vasados em bronze*».

Sam estatuas gigantescas, das quaes o globo não é senão o pedestal.

Não tenhamos receio de confessar que devemos á Sociedade de Jesus, como eu disse, o nosso traço perpetuo.

Não ha outro molde em que se possam fundir raças, sociedades, individualidades mesmo, senão o molde religioso.

Sem a larga passada do jesuita, Portugal não se teria antecipado assim em tam extensos dominios e sem elle não teria mantido sua posse.

Se o Brazil tivesse sido lançado em outra fôrma, ha muito que se teria feito em pedaços.

(*Dr. Joaquim Nabuco—A Significação Nacional do Centenario Anchietano. Op. Cit. Pag. 327 e seguintes*).

Iria muito longe se tivesse de transcrever para esta carta-protesto a bellissima apologia historica, que o grande brasileiro, em sua limpida e formosa linguagem faz das Ordens Religiosas em geral e da benemerita Companhia em particular, vingando com o seu estupendo talento e vasta erudição, as accusações ridiculas, o odio impenitente e atroz e a infamia villã que ainda em pleno seculo XX, quizestes reproduzir e pôr em pratica em Portugal e em suas minguidas colonias.

Felizmente, para honra da humanidade e da cultura brasileira a violencia e o crime que, com tanta audacia, commettestes não tiveram apoio, nem sequer sympathia da culta Europa e deste lado do Atlantico: a Nação pelos orgãos legitimados de sua soberania, pelo Parlamento, pelo Superior Tribunal Federal, repelliu a affronta de em pleno seculo XX perseguirem-se homens e mulheres por motivos de crenças religiosas.

O Brazil abre as suas portas de par em par a todos os perseguidos do vosso odio e do vosso rancor: aqui podem viver gosando da mais ampla liberdade que as nossas leis concedem a todo o ser humano que queira empregar honestamente a sua actividade.

O Supremo Tribunal Federal,

o mais elevado Tribunal da Republica, interpretando e applicando o preceito constitucional de que «*todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens*», e que «*por motivo de crença ou função religiosa, nenhum cidadão brasileiro poderá ser privado de seus direitos civis e politicos*», concedeu o amplo e illimitado remedio *Habeas corpus* a todas as victimas do vosso odio e da vosso perseguição, que se resolverem e quizerem habitar o Brazil, gosando assim das garantias verazes que a Constituição da Republica concede a todos os habitantes do seu territorio. (Art. 72 §§ 3 e 28 *Da Declaração dos Direitos*).

E' triste, é doloroso que queiraes implantar em vossa Patria um regimen politico que pretende se impôr á Nação precisamente ostentando supremo desprezo, odienta perseguição ao sentimento religioso da grande maioria do paiz, que deste modo é governado apenas por uma minoria insignificantisima cuja unica preocupação é fazer triumphar as suas ideias sectarias, profundamente demolidoras e anarchisadoras da homogeneidade nacional.

Deste modo a vosso obra, longe de consultar aos dictames da verdadeira democracia e da justiça social, nasceu manca e eivada de erro grave e grosseiro, que o vosso sectarismo estreito e retrogrado tanto tomou a peito implantar em Portugal.

Abriestes mão da maior força moral que existe na Terra, dessa força, que sem canhões nem instrumentos de guerra, sem exercitos e sem armadas, vem ha 20 seculos affirmando a sua existencia immortal, o seu prestigio colossal, a sua energia sobrehumana, que tem resistido a todos os embates revolucionarios, a todos os embustes, a todas as astucias, a todas as argucias, a todos os caprichos, a todas as aventuras de que nos falla a Historia.

Vinte (20) seculos de uma vida immortal sempre rejuvenescida pelas mais bellas iniciativas do progresso nas sciencias, nas letras, nas artes e no bem da humanidade; 20 seculos de continuo e indefeso apostolado pelos mais caros e generosos ideaes de que sam susceptiveis o coração e a intelligencia do homem ainda não sam sufficientes para convencer o mesmo homem!

O peor cego é aquelle que não quer ver, que fecha propositadamente os olhos aos raios brilhantes do Sol, a fim de que a luz não lhe tire a retina.

Será de bem amargas decepções o tristissimo exemplo de feroz intolerancia que estaes dando; pois não conseguireis o vosso fim, a vosso obra é transitoria e precaria, transuda odio e veneno que não dam vida duradoura ás instituições sociaes.

Recusaes comparecer aos suffragios que a Igreja Catholica em homenagem ás victimas da revolução piedosamente intenta prestar, sob o futil e ridiculo pretexto que a Republica Portuguesa não reconhece a existencia legal da Religião.

Emquanto assim procedeis, calcando aos pés os delicados sentimentos de cortezia e de piedade com os Mortos, nos Estados Unidos do Norte, com todo o seu poderio e colossal progresso, o governo da Republica não só assiste aos suffragios religiosos pelos Mortos, sem que por esse facto deixe de ser a grande Republica Americana prestigiada e admirada, porém vae mais longe.

Nas grandes solemnidades nacionaes, na abertura do Parlamento, na inauguração de suas exposições, dos seus congressos, de suas minas, de suas fabricas, a voz do Ministro de Christo se faz ouvir, implorando as benções do Ceu, porém vae mais longe ainda.

Nos navios de sua presente esquadra, nesses colossos de ferro e aço que ostentam o prestigio e a grandeza dos Estados-Unidos, ha capellães catholicos que assistem aos officiaes e marinheiros catholicos, capellães pagos pela Republica e tratados a bordo com todas as honras devidas ao caracter sacerdotal de que se acham revestidos.

Na America do Norte não ha religião de Estado, não ha religião official, entretanto o catholicismo é acatado, respeitado e honrado pelos poderes da Republica, que não têm a estúpida velleidade de perseguir as Congregações Religiosas, de expulsá-las da Patria, de apossar-se de seus bens e, pela pilhagem aladroadada e cynica, justificar todos os excessos que o crime engendra e as ruins paixões incitam.

Não satisfeito com todas estas demonstrações publicas de respeito e acatamento pelo sentimento religioso, o governo da Republica dos Estados-Unidos do Norte quiz, de modo especial, solemne e em caracter official, honrar a Divindade escolhendo para este fim um dia no anno dedicado ao Creador.

Ainda o anno passado a solemnidade do *Godthangivingday* (Dia de accção de graças a Deus) teve logar na Igreja de S. Matheus, em Washington, pontificando Sua Eminencia o Snr. Cardeal Gibbons, com assistencia official do presidente da Republica, dos ministros, do corpo diplomatico acreditado junto ao governo da Republica e dos representantes de todas as classes sociaes.

Assim procedem os governos esclarecidos, fortes, genuinamente democraticos, que têm a noção da verdadeira liberdade; assim agem as Nações ricas e grandes que prosperam sob o pallio da tolerancia, que é a caridade da intelligencia, no pensar profundo do Apostolo S. Paulo; assim pensam os povos varonis, que ignoram o que é o medo, a covardia e o espirito sectario, odienta e feroz.

E' para lamentar, snrs. do governo provisorio da Republica portugueza, que havendo entre vós, robustas intelligencias servidas por vasta erudição que eu acato e respeito, fosseis, por uma destas tristes aberrações do senso moral de que os grandes talentos não estão isentos de reproduzir em vossa Patria, o cyclo das prescripções revolucionarias para attingirem, em sua malha vulpina, homens e mulheres que, segundo vós, não têm direito á vida, á liberdade e á propriedade, direitos estes essenciaes que todos os povos que se têm em conta de civilisados não negam nem aos selvagens.

E' contra a vosso iniquidade que a minha consciencia juridica de brasileiro e de republicano se revolta e sinto-me bem commigo mesmo em poder manifestar publicamente a profunda indignação que me vae nalma, ao contemplar a morte lenta de um Povo que se esphacela e aniquilla, ao influxo de tam perversas ideias.

A' *Folha do Norte*, conceituado orgão da imprensa paraense, de vasta circulação em o norte do Brazil, agradeço penhoradissimo a acolhida gentileza da publicação deste artigo, que valerá como protesto vehemente e irrettractavel contra a tyrannia e o crime que, em nome da liberdade, estaes praticando no velho Portugal, digno de melhor sorte.

Manaus, 28 de novembro de 1910.

RODRIGO COSTA.

Lente cathedratico de logica do gymnasio amazonense, professor de direito commercial e economia politica da escola municipal do commercio de Manaus, membro do instituto da ordem dos advogados brasileiros, membro da associação dos advogados de Lisboa e do instituto do Ceará.

ANNUNCIOS

Arrematação

(2.ª Publicação)

No dia cinco de fevereiro proximo, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na rua das Lamellas, desta cidade, por virtude de deliberação do conselho de familia, e para pagamento de passivo approvedo no inventario orphanologico a que neste Juizo se procede por obito de João Candido Lamosa, casado que foi com a inventariante Thezeza de Oliveira, do logar da Lameira, freguesia de Caldellas, desta mesma comarca, ha de vender-se em hasta publica, pelo maior lanço obtido acima do valor abaixo declarado, uma propriedade composta de tres moradas de casas terreas, com terreno de horta, dividida em socalcos, e terreno inculto com arvores de vinho, situada no logar da Charneca, da dita freguesia de Caldellas, a qual será posta em praça pela quantia de cem mil reis.

Declara-se que toda a contribuição de registo fica por conta do arrematante.

Guimarães, 14 de janeiro de 1911.

Verifiquei a exactidão,
Joaquim Penafort Lisboa.

Quem perdeu?

Achou-se um objecto de ouro, na freguesia de Gominhões.

Entrega-se a quem provar pertencer-lhe, pagando a despesa deste annuncio.

Nesta redacção se diz.

A RESTAURAÇÃO

6.º anno

SEMANARIO CATHOLICO

N.º 308

Ex.º Snr.